



Telejornalismo local e Identidade: O Jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência¹

Iluska Coutinho² e Livia Fernandes³

Resumo

O telejornalismo ocupa um papel relevante para a nossa ordem social. O trabalho analisa a importância das mensagens veiculadas pelo noticiário local para a construção de identidades, pelas quais o sujeito se posiciona em relação ao mundo, tendo como foco os discursos do programa Jornal da Alterosa Edição Regional, veiculado em uma afiliada do SBT. As visões de identidade em Hall e Bauman oferecem suporte teórico para o trabalho que reflete sobre o telejornalismo como um lugar de referência a partir das pistas conceituais apontadas por Vizeu&Correia.

Palavras chaves: telejornalismo local, identidade, lugar de referência

Introdução

A televisão conquistou um lugar relevante de significado cultural e social na sociedade contemporânea. As mensagens veiculadas por esse meio, em especial pelo telejornalismo, são as principais responsáveis por opiniões, comportamento e valores de uma considerável parcela da população.

O desenvolvimento tecnológico e a globalização possibilitaram ao telespectador assistir do sofá de casa o que acontece do outro lado do planeta. Sem precisar sair do conforto do seu lar, o indivíduo se torna cidadão do mundo, mudando suas relações sociais, econômicas e culturais. De acordo com Kathryn Woodward, as novas tecnologias não permitiram somente o acesso ao que é global, mas também são responsáveis por um reavivamento das identidades locais:

¹ Trabalho apresentado no ao GT de jornalismo, do VII Encontro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e doutora em Comunicação Social (Umesp) com estágio doutoral na Columbia University(Nova Iorque). Professora Adjunto II do departamento de Jornalismo da Facom, é vice-coordenadora do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Realiza pesquisas sobre a relação Telejornalismo, Narrativa e Identidade. iluskac@uol.com.br

³ Bolsista de Iniciação Científica no projeto Dramaturgia do Telejornalismo Regional: a estrutura narrativa das notícias nas emissoras de TV de Juiz de Fora. Aluna do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Facom-UFJF.



A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2000, p. 21)

A constituição de uma(s) identidade(s) é marcada pelas relações do indivíduo com a sociedade na qual ele está inserido. Na atualidade, essa vivência do sujeito com o seu meio é permeada pelas mensagens transmitidas nos meios de comunicação, em especial pelos telejornais, sobretudo, locais. A proposta deste trabalho é apontar para a importância do telejornalismo para a construção de uma identidade local, e como essa representação do real se torna um lugar de referência para o telespectador (VIZEU & CORREIA; 2006). O estudo se dá a partir de reflexões sobre o Jornal da Alterosa Regional (JA), veiculado na TV Alterosa de Juiz de Fora (afiliada ao SBT), cidade pólo da Zona da Mata mineira e de suas representações da identidade local.

TV Alterosa

A população de Juiz de Fora contava no início dos anos 60 com a transmissão de três canais cariocas: a TV Tupi do Rio de Janeiro, fundada por Assis Chateaubriand; TV Rio- Canal 13, dos empresários Paulo Machado de Carvalho e João Batista do Amaral; e a TV Continental- canal 9, de propriedade de Rubens Bernardo e seus irmãos Carlos e Murilo.

No entanto, um dos capítulos mais importantes da história da televisão na cidade remete a 1964, quando Juiz de Fora se torna a primeira cidade de interior da América Latina a ser geradora de sinal televisivo, com a TV Industrial. O canal constituído depois de obter a concessão, assinada pelo então presidente João Goulart, não era afiliado a nenhuma rede de TV. Desta forma, 80% da programação da TV Industrial eram ocupados por produções locais, em sua maioria programas de auditório.

Mas os altos custos de produção televisiva trouxeram problemas financeiros para a TV Industrial, o que resultou na paralisação da produção local. Assim, em 1980, a emissora passa a integrar o grupo Roberto Marinho, e a retransmitir o sinal da Rede Globo. Na época a população juizforana vê a programação local ser reduzida a minutos diários de telejornais. Desde 1998, por estratégias comerciais, a emissora recebe o nome



de TV Panorama, e em 2003 foi vendida ao empresário Omar Resende Peres, ex-secretário de Indústria e Comércio de Minas Gerais (governo Itamar) mas permanece no ar como afiliada da Rede Globo.

Em 1990, surge em Juiz de Fora, a TV Tiradentes, como retransmissora integral da extinta TV Manchete. A emissora tinha pretensão de produzir programas locais. Nas mãos de Josino Aragão e Domingos Frias, semelhante a TV Industrial, a emissora oferece ao público programas de auditório e telejornais. A TV Tiradentes agradou o público ao produzir programas locais policiais, esportivos, de calouros, mesas de debate, e telejornais (MATA, 2006).

Divergências internas resultaram na extinção de diversos programas locais e afiliação da TV Tiradentes à Rede Record. Em 1999, a emissora passa a se chamar TV Alterosa, pertencente a rede de mesmo nome, com sede em Belo Horizonte, afiliada ao SBT. No início a programação local é limitada ao Jornal da Alterosa edição regional, veiculado de segunda a sábado, ao meio-dia. De acordo com Livia Maia em seu artigo apresentado no 3º Encontro Regional de Comunicação da UFJF, a retransmissão da programação do SBT, imprimiu nas produções locais da TV Alterosa características populares, observáveis inclusive no viés do telejornal, que ora priorizou matérias de segurança pública e de prestação de serviço, em vts ágeis e em plano seqüência.

Atualmente, a TV Alterosa produz três programas locais: Papo de Mulher com Alcione Marocolo, programa semanal voltado para o público feminino, que traz dicas de saúde, beleza e moda; Fatos em Focos, coluna social eletrônica que aborda os eventos sociais da cidade, e os também produzidos pela própria emissora, sob responsabilidade do colunista César Romero (jornal Tribuna de Minas); e o Jornal da Alterosa (JA) edição regional, telejornal veiculado de segunda a sábado no horário do almoço, com duração em torno de 30 minutos (no sábado a edição é de 15 minutos).

Uma vez que o JA é o programa da grade da emissora que aborda o cotidiano da cidade/ região diariamente, ele se torna o principal sistema de representação em tese responsável pela transmissão ou construção de uma identidade local. Os conceitos de identidade de Bauman e Hall auxiliarão a compreender como se dá a constituição dessa representação audiovisual.



Veiculação e/ou construção da Identidade

A(s) identidade(s), construídas e percebidas pelos indivíduos e grupos, estão estreitamente atreladas aos sistemas de representação. É a partir deles, dos significados apresentados por esses sistemas, que os indivíduos se posicionam como sujeitos. Assim, o estudo dos símbolos veiculados no telejornal local veiculado pela TV Alterosa que é foco desse artigo, auxilia na identificação das relações de pertencimento que a emissora de televisão tenta estabelecer com seu público.

De acordo com Stuart Hall a concepção da identidade incorpora a forma de compreensão do sujeito e do mundo no qual ele está inserido (HALL: 1999, apud COUTINHO: 2007). O sujeito do Iluminismo seria assinalado pela racionalidade, pelo indivíduo “unificado”. A identidade de uma pessoa se basearia no centro essencial do eu. Já no sujeito sociológico, o eu daria lugar ao outro, de forma que a identidade deste se dá a partir de suas relações com o outro, nas trocas culturais e de valores entre os sujeitos. O sujeito pós-moderno sua identidade seria fluída, pois ela não é determinada de forma biológica ou social, mas é produzida ao longo de sua vivência, o que permite ao sujeito adotar diferentes identidades com o passar do tempo.

“A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...) à medida que os sistemas de significação se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiantes de identidades possíveis” (HALL: 1999, p.13, apud COUTINHO: 2007).

A complexidade da vida moderna exige que um mesmo sujeito assuma identidades distintas. Por exemplo, em um momento um indivíduo precisa atentar para sua identidade como filho, em outro como pai, ainda, como trabalhador ou como cidadão. E esta multiplicidade se dá na atualidade em velocidades cada vez mais aceleradas e, às vezes, simultâneas. As identidades são diversas e cambiantes não só nos contextos sociais em que são vividas, mas também nos sistemas simbólicos por meio dos quais oferecemos sentidos a nossas próprias posições.

Hall ainda aborda a construção de identidades culturais por meio de culturas nacionais, essas reforçadas pelo sistema de representação das redes nacionais de televisão. As mensagens veiculadas no meio construíram significados, valores e a própria idéia de nação. Nesta representação as diferenças regionais e sociais seriam



suplantadas pelo conceito de nação, e pela programação de caráter “nacional” que ocupa a maior parte da grade das emissoras. Dominique Wolton aborda a simultaneidade de uma determinada sociedade, nacional, em frente à telinha, e a partir daí constrói o conceito de laço social. As mensagens transmitidas em redes nacionais se constituiriam em um laço que une indivíduos de opiniões, valores e condições sociais diferentes mas que partilhariam um mesmo repertório a partir do “encontro catódico”.

A televisão consegue reunir, deste modo, indivíduos e públicos que tudo tende a separar, dando-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. Para Wolton, a força da TV como laço social vem justamente do seu caráter ao mesmo tempo ligeiramente restritivo, lúdico, livre e espetacular. É também nisso que ela se mostra adequada a uma sociedade individualista de massa, caracterizada simultaneamente por essa dupla valorização da liberdade individual e da busca de uma coesão social. Objeto cotidiano e onipresente, a TV ajudou milhões de telespectadores a se localizarem no quebra cabeças de uma modernidade que estava sempre obrigando a viver simultaneamente identidades e aspirações contraditórias (WOLTON, 1996, p. 122).

Bauman também reforça a idéia de construção da identidade, sobretudo, a nacional. Para o autor a idéia de nação, começou como ficção e foi se consolidando a partir das mensagens transmitidas pelas emissoras nacionais. No entanto, o autor destaca a constituição de uma identidade mediada, como espaço de refúgio em virtude da não existência de fronteiras na contemporaneidade (BAUMAN:2005 apud ILUSKA:2007). O indivíduo em busca de referências se fixaria em mensagens veiculadas e/ou construídas pelas grandes mídias. Neste sentido, se faz necessário analisar quais são os símbolos, os elementos e sujeitos empregados pelos telejornais, para constituir identidades.

Nos limites desse artigo a atenção se volta para os sistemas utilizados pelos telejornais locais para a constituição de uma identidade, também local. Um dos aspectos por meio dos quais é possível buscar a compreensão da construção da identidade é identificar em qual lugar/ espaço ou por meio de que estratégias discursivas a TV regional ou local estabelece vínculos com seu público.

Sobre a questão local



Alain Bourdin contribui para a reflexão sobre a constituição do local. O autor alerta para o fato de a localidade ser concebida para além de “uma circunscrição projetada por uma autoridade”, o local passa a ter uma conotação simbólica em que se valoriza a proximidade e semelhanças sociais e culturais. Desta forma o local acontece a partir da valorização do encontro, da proximidade, da existência e especificidades sociais e culturais partilhadas (BOURDIN: 2001 p.25 apud COUTINHO: 2007).

A proximidade produz vínculos sociais que, de acordo com Bourdin, são responsáveis pelas ilusões e paixões de identidade local. Essa proximidade se dá mediante as mensagens veiculadas nas TVs regionais, sobretudo, no jornalismo. O local se torna um território audiovisual que é constituído, por meios dos recortes e reconstrução da realidade transmitida nos telejornais locais. Estes buscam estabelecer um território de pertencimento com o seu público. Neste território o telespectador se reconhece e convive com mensagem que constituiriam um repertório comum, capaz de “enlaçar” dada comunidade. Uma das estratégias utilizadas pelas emissoras de TV locais para alcançar a proximidade com seus telespectadores é a promoção de eventos e campanhas da própria emissora que são noticiados nos telejornais locais.

Mas essa busca por aproximação com o público não se ocorre de um modo ingênuo. Acarreta em credibilidade do telespectador e como consequência atrai anunciantes para a emissora. Assim a proximidade pode ser classificada como um valor notícia. Ao se ver e reconhecer diante do telejornal o público cria uma identidade com a emissora; que resulta na credibilidade do telejornal; e tem como consequência final a geração de lucro para a TV, uma vez que atrai os anunciantes locais. (COUTINHO: 2007).

Nesse sentido vale ressaltar que, apesar do Jornal da Alterosa ser uma edição regional, a maioria das matérias produzidas pela equipe do jornal são locais. Os fatos mais abordados pelo noticiário são os que acontecem em Juiz de Fora cidade sede da TV, os telespectadores dos outros 126 municípios que recebem o sinal da Alterosa dificilmente conseguem se ver na telinha. Desta forma, há uma dificuldade para a constituição de uma proximidade com o telespectador regional e como consequência ocorre a não atração dos anunciantes destas cidades.

Mesmo sem conseguir estabelecer uma proximidade com toda a região, o telejornal da TV Alterosa é um objeto de estudo relevante para a reflexão dos laços de pertença estabelecidos com o público local e o papel dos sistemas de representação na sociedade contemporânea.



O telejornal como um lugar de referência do presente

Na atualidade o telejornalismo é o principal meio pelo qual uma grande parcela da população busca informações. Ao assistir as notícias muitas pessoas querem mais do que uma informação sobre algum fato, mas sim saber o que acontece na economia, na política e acompanhar o cotidiano de sua cidade, país e do mundo. Para essas pessoas o jornalismo é mais que um noticiário é um lugar de referência.

O conceito do jornalismo como um lugar de referência para a construção social da realidade é apontado por Vizeu e Correia(2006). O professor cita Canclini ao assinalar que para os brasileiros o telejornalismo ocupa um lugar de referência semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Desta forma, é preciso atentar para a construção dos fatos jornalísticos em busca de identificar como o telejornal se constitui neste lugar relevante.

Cecília Ladeira Mota (2006) também aponta para o telejornalismo como um lugar de referência, para a autora o telejornal é o espaço de referência do presente, da modernidade. Por meio do noticiário é que o telespectador toma conhecimento do que acontece em sua sociedade, na qual os eventos são acelerados, mudanças acontecem a cada minuto. O telejornal usa do discurso da imagem como uma prática de fixação de significados. Mais do que transmitir os fatos, os telejornais os constroem /reconstroem, por meio de uma linguagem e de estratégias específicas para atingir o seu público.

Mota chama essa linguagem particular do jornalismo de forma-notícia de representar acontecimentos, significar os fatos, pessoas e ações. As peças que farão parte desta representação do presente são resultados de seleções, que trazem embutidos valores, atitudes e ideologias. Por isso a autora destaca a importância de deixar de lado a visão do jornalismo espelho da realidade.

De saída é preciso descartar a idéia de que notícias são meros relatos objetivos de acontecimentos ou situações. Ou espelhos da realidade. Na verdade, ao representar ações e seus agentes - fatos políticos, desastres, tragédias, guerras, decisões econômicas – a notícia constitui versões da realidade que- por seu formato aparentemente objetivo – mascaram as posições sociais, os interesses e objetivos dos que a produzem. (MOTA: 2006, p. 4)

O discurso jornalístico é construído através de uma narrativa própria. Esta é parte integrante de uma prática discursiva própria do veículo de Imprensa que envolve

uma equipe: cinegrafistas, editores e repórteres, de acordo com Cecília Ladeira Mota. Essa narrativa cria significados sociais, inseridos em contextos históricos, e reafirmando valores e ideologias. É o conjunto dessas narrativas dos fatos que seria responsável pela organização do mundo e especialmente do conhecimento cotidiano sobre ele.

A partir de estudo feito por Nina Scafutto (2006) pode-se identificar valores embutidos em algumas peças integrantes da narrativa do telejornal de que trata esse artigo, o Jornal da Alterosa Edição Regional. A autora baseou seu estudo na análise da presença de recursos da dramaturgia na narrativa do noticiário local (COUTINHO: 2003). Para isso a autora utilizou como recorte empírico edições do programa veiculadas entre os dias 22 de agosto de 2005 e 02 de setembro de 2005..

Uma das editorias de maior destaque no telejornal é a de Polícia e Justiça, cujo conteúdo representa quase 40% das matérias veiculadas no período. Scafutto observa que em geral nessa editoria o policial militar, que tem voz no telejornal analisado, assume a figura de herói. Abaixo um exemplo extraído de texto de nota ao vivo veiculada no período de análise:

Um homem atropelou 3 pessoas em Juiz de Fora e fugiu. O acidente foi na madrugada de sábado para domingo na rua Santo Antônio, no centro da cidade. Segundo a polícia, um rapaz supostamente alcoolizado perdeu o controle do carro atingindo os jovens. Mais tarde, o suspeito foi encontrado pela PM na Rua Halfeld e foi autuado. As vítimas tiveram ferimentos leves, foram atendidas no HPS e liberadas. (JORNAL DA ALTEROSA, 2005)

Essas matérias revelam valores agregados já na escolha das fontes que irão compor a narrativa. Neste caso é transmitida a população o valor de eficiência e confiança que o público pode ter em relação à polícia de Minas. E que apesar de a violência estar presente, polícia está pronta para nos defender e manter a ordem na sociedade.

Cecília Ladeira recorre a Barthes para discorrer sobre a significação com que as notícias podem ser analisadas. A autora aborda três ordens de significações apontadas por Barthes: a primeira é o significado denotativo, que é o signo em si mesmo, na nota coberta acima a leitura denotativa é o fato de a polícia ter prendido um infrator que causou o atropelamento de três pessoas; a outra ordem é a conotativa, que identifica valores, atitudes e emoções, se no caso acima se a matéria tivesse imagens, os ângulos, os enquadramentos e a iluminação poderiam ser utilizados para reforçar a eficiência da polícia e o estado alcoolizado do infrator; por último aparece a ordem denominada de



“mitos”, no qual “os significados são comungados por todos os membros de uma cultura”, na nota coberta seriam as reflexões sobre a presença violência na atualidade, o risco de se dirigir alcoolizado, a necessidade da polícia para se manter a ordem na sociedade. (BARTHES: 1978 apud MOTA: 2006).

As leituras que se podem fazer das notícias veiculadas nos telejornais se dão a partir de uma construção, ou seja, de uma seleção, recorte e constituição do fato. Vale lembrar que a realidade cotidiana seria organizada exatamente a partir dos enquadramentos das notícias; assim, o telejornal local contribuiria para a construção da realidade social e poderia ser entendido como uma forma de conhecimento.

O jornalismo como forma de conhecimento

Para discorrer sobre o jornalismo como forma de conhecimento é necessário abordar o contexto teórico no qual o conhecimento do jornalismo está inserido. É o contexto no qual a dialética se relaciona com a prática. No caso do telejornalismo pats Vizeu e Correia (2006), a dialética é a distância do jornalista em relação aos fatos, a prática seria a posição do mesmo como sujeito em relação ao objeto. Nesse sentido a relação teoria/prática faria parte do processo de apuração de uma matéria.

Os autores assinalam a responsabilidade do profissional jornalista para evitar o erro nesta relação “tensa” entre teoria e prática. O professor aponta a necessidade do rigor no trabalho jornalístico. As informações essenciais não podem ser suprimidas, antes devem ser contextualizadas. Os textos precisam alcançar a objetividade possível, sem rasurar documentos e evitando a ambigüidade. O jornalista não deve ser ingênuo diante do fato, antes ele deve ter consciência perante o objeto (2006).

Em seu artigo *Falibilismo: incertezas nas construções jornalísticas*, Aline Lins também reflete sobre o cuidado na apuração, como tentativa de evitar a(s) falha(s). Para a autora a própria produção jornalística, com escolhas, recortes e montagens para se aproximar o máximo do real, é uma “vocaçãõ” para o falibilismo, a possibilidade do erro. Desta forma, a apuração e o trabalho em equipe se tornam essenciais em busca da correção.

Para o jornalista, de um modo geral, há sempre algo a ser melhorado, modificado, algo que necessita de precisão e clareza, por isso mesmo, a construção de um jornal ou telejornal é um processo sempre aberto à revisão. Nesse aspecto o trabalho coletivo, como é desenvolvido no caso do telejornalismo, tem papel determinante porque, por mais rigor que o jornalista venha a ter para relatar um fato, por mais



“objetividade” que ele procure apresentar ao traduzir um acontecimento em mensagem, o signo notícia estará sempre em débito com o próprio fato (LINS: 2006).

Em entrevista a editora do Jornal da Alterosa, Gilze Bara, aponta quais as estratégias utilizadas na apuração e produção das notícias para evitar o erro: procurar ser imparcial, ouvir os dois lados envolvidos e mesmo que um lado não queira se pronunciar, deixar claro para o telespectador que a produção tentou entrar em contato. Outro fator na tentativa de evitar o erro é a postura adotada pela rede Alterosa de não mostrar suspeito até que ele seja condenado e julgado. Esta atitude, de acordo com a editora entrevista, evitaria falhas de pré-julgamento e/ou condenação midiática.

Vizeu e Correia recorrem ao professor Paulo Freire para aprofundar na questão do jornalismo como forma de conhecimento. Freire aborda o papel da problematização na Educação na constituição do conhecimento, e defende que o conhecimento científico não pode separar-se de sua matriz problematizadora. No campo da Comunicação, para a constituição do conhecimento a partir do jornalismo é preciso uma problematização constante das práticas jornalísticas. Outro aspecto importante é a centralidade do diálogo nos processos de construção do real. Vizeu e Correia observam nesse diálogo quatro funções do conhecimento do jornalismo.

A primeira função é esotérica, cujo objetivo é tornar o discurso do real compreensível para o grande público. Poderíamos relacioná-la à avaliação da editora Gilze Bara que conta que uma das características das matérias veiculadas pelo JA é a linguagem utilizada. Assim, é preciso falar de um modo que os telespectadores entendam o que está sendo dito, e essa necessidade de utilizar uma linguagem simples e fácil de ser compreendida é justificada pelo público do telejornal analisado ser composto em sua maioria por telespectadores de pouco poder aquisitivo e/ou nível sociocultural.

A segunda função é a didática, na qual o jornalista aparece como um enunciador pedagógico, e a notícia cumpre o papel de mediadora entre os “diversos campos de conhecimento e o público”. Nesta função se enquadram as notícias em que fica claro qual é o comportamento que se espera do telespectador diante das informações veiculadas. Em seu artigo Nina Scaffuto aborda uma das matérias veiculadas pelo Jornal da Alterosa Edição Regional que pode ser enquadrada nesta função. O tema da reportagem é a poluição em um ponto turístico de Juiz de Fora, o Parque da Lajinha. Na narrativa veiculada pela emissora de TV local o cidadão juizforano ocupa a posição de



vilão, culpado pela poluição do parque. “A falta de consciência dos visitantes prejudica o meio-ambiente”, essa é a frase em off⁴ que abre a matéria. Espera-se do telespectador que ele crie uma consciência ambiental e preserve o local quando visitá-lo.

A função de segurança é a terceira apresentada por Vizeu e Correia, segundo quem os telejornais organizam o mundo procurando estabelecer uma ordem diante do caos existente no mundo contemporâneo. O telejornal é o lugar em que o telespectador se informa do mundo exterior ao da sua casa, e onde o sujeito se sente seguro apesar dos conflitos existentes na atualidade. Nas análises do JA veiculadas no período de recorte empírico (12 edições veiculadas em 2005), é possível identificar a função de segurança nas matérias em que os policiais aparecem como heróis, mantenedores da ordem.

Em consequência da função de segurança surge a função de familiarização. Nesta o telejornal aparece como responsável de tornar o mundo, as novidades o estranho menos hostil. Além das funções do conhecimento do jornalismo, Vizeu e Correia ainda apontam cinco produções/construções do telejornalismo como forma de conhecimento.

A primeira operação é da atualidade, não cronológica, mas como característica do próprio gênero do telejornalismo. O recorte feito do real é transmitido no telejornal como um tempo do presente. Outra construção é a de objetividade, é a busca do jornalista de relatar o fato como aconteceu. A interpelação aparece como a terceira operação da construção da notícia. Por meio desta o telejornal procura estabelecer um vínculo ativo com o seu receptor, que é convidado a assistir a uma determinada notícia. Esta construção gera uma aproximação do receptor com o canal. No JA esta produção é identificada facilmente pelo Canal da Alterosa, telefone pelo qual o telespectador é convidado a dar a sua opinião sobre um assunto relevante da semana. Outro convite feito ao receptor é o de concorrer prêmios, em sua maioria, ingressos de eventos promovidos ou apoiados pela emissora.

Ao identificar a presença das funções e produções do jornalismo como forma de conhecimento nas edições do Jornal da Alterosa Edição regional pode-se concluir que o JÁ busca se estabelecer como um lugar de referência para o telespectador juizforano. O telejornal aparece como um lugar no qual a ordem social é estabelecida e em que o indivíduo pode se participar de uma sociedade, mesmo que imaginada.

⁴ Recurso audiovisual que compõe a narrativa do telejornalismo por meio do qual o repórter/ apresentador lê um texto convertido em áudio principal, em cima do qual são inseridas/ casadas imagens relacionadas.



REFERÊNCIAS

COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV*. Tese de doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.

_____. *Telejornalismo e identidade em Juiz de Fora: a (re) afirmação da diferença na cobertura do Miss Brasil Gay*. Trabalho apresentado ao NP de Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

_____. *Telejornalismo e identidade em Emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento*. In: Mimeo. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LINS, Aline Maria Grego. *Falibilismo: incertezas na construção do telejornalismo*. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM.

MAIA, Lívia. *Desenvolvimento da TV em Juiz de Fora: um olhar sobre a TV Alterosa*. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM

MATA, Jhonatan. *Vícios e virtudes no telejornalismo local: uma análise dos personagens no MGTV 1ª edição*. In: IV Encontro Regional de Comunicação, 2006, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2006. CD-ROM

MOTA, Cecília Ladeira. *O telejornal como referência do presente*. In: INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM.

SCAFUTTO, Nina. *Dramaturgia no telejornalismo regional: a construção da identidade juizforana através de personagens do “Jornal da Alterosa – Edição Regional”*. In: IV Encontro Regional de Comunicação, 2006, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF, 2006. CD-ROM

VIZEU, Alfredo Eurico & CORREIA, João Carlos. *A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência*. In: SBPJor 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 2006.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução conceitual*, in: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.